

## FLORBELA ESPANCA - SONETOS DE AMOR E DOR

Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa  
*Formada em Letras pela UECE, onde é Professora  
Adjunta. Mestre em Literatura Brasileira pela UFC.  
Coordenadora da Espiral Revista de Literatura,  
desde o ano 2000, Presidente da Academia de  
Letras e Artes do Nordeste – seção Ceará.  
Membro da Sociedade Amigas do Livros.*

### 1. Florbela: a vida

Para que se possa compreender melhor a poesia de Florbela e o motivo pelo qual a crítica ignorou sua obra durante longos anos, faz-se necessário o conhecimento de alguns dados importantes de sua vida.

Florbela de Alma da Conceição Espanca nasceu em Vila Viçosa (Alentejo), pequena cidade muito antiga que ainda conserva o Palácio Ducal, residência de férias da Coroa Portuguesa, em 8 de dezembro de 1894. Filha ilegítima de João Maria Espanca, boêmio e aventureiro, anarquista, avesso a qualquer formalidade, introdutor do cinematógrafo em Portugal, e de Antônia da Conceição Lobo. João Espanca convence sua mulher, Mariana do Carmo Ingleza, que não tinha filhos, a criar Florbela e seu único irmão Apeles, nascido três anos depois dela. Os dois são educados pela madrinha e pelo pai.

Florbela, que havia iniciado os estudos em Vila Viçosa, em 1908, a muda-se com a família para Évora, a fim de fazer o curso secundário no famoso Liceu de André Gouveia, que há pouco tempo passara a admitir classes mistas. São dessa época os poemas publicados postumamente no volume *Juvenília* (1931).

Em 1913, no dia de seu aniversário, Florbela casa-se com Alberto Moutinho, seu colega de escola desde 1904. Em 1917, ingressa na Faculdade de Direito de Lisboa, curso que abandonará em 1920. Em 1918, vai a Quelfes (cidade próxima de Olhão) tratar-se das conseqüências de um aborto involuntário. Em 1919, publica, às custas do pai, o



primeiro livro de poemas: *Livro de Mágoas*. Já separada do marido há algum tempo, em 1921 consegue o divórcio e, após dois meses, casa-se novamente com Antônio Guimarães, alferes de Artilharia da Guarda Republicana. Nesse mesmo ano, João Maria Espanca divorcia-se de Mariana Ingleza, madrinha e mãe adotiva de Florbela e, em 1922, casa-se com uma ex-empregada. Em janeiro de 1923, vem a lume sua segunda coletânea de sonetos, mais uma vez às expensas do pai: *Livro de Sóror Saudade*. Os poemas são alvo de acusações absurdas por parte do diretor do jornal *A Época*, que visava atingir antes de tudo o comportamento da autora, considerado inadequado pela sociedade conservadora de então.

Vítima da maledicência, doente e amargurada, Florbela afasta-se do convívio social e cerca-se de uns poucos amigos. Um segundo aborto espontâneo vem complicar ainda mais sua precária saúde. O médico chamado para socorrê-la é Mário Lage, homem culto de quem ela se torna inseparável. Pressentindo o rumo que toma a relação, Antônio Guimarães decide partir para a África por dois anos e pede o divórcio. O processo litigioso prolonga-se por mais de um ano e desencadeia uma crise na família Espanca, que não aceita o novo relacionamento. A situação se agrava quando, em 1925, três meses depois do divórcio, ela casa-se com Mário Lage, com quem já vivia desde 1924, e recolhe-se a Matosinhos, porto marítimo a norte de Portugal, em busca de melhoras para sua saúde.

Em 1927, inicia a tarefa de tradutora e tudo parece ir bem, mas a morte do irmão, num desastre de avião, desencadeia uma depressão sem precedentes. Os dois sempre haviam sido inseparáveis, quando perderam a mãe verdadeira, em 1908, e Apeles veio morar na casa do pai, Florbela tornou-se uma espécie de mãe para ele; além do mais, devido à complicada situação dos pais, havia uma cumplicidade muito grande entre eles.

Em 11 de janeiro de 1930, inicia seu diário. Os problemas de saúde agravam-se cada vez mais, além da dificuldade pulmonar surgem outras complicações e, na madrugada de 7 para 8 de dezembro de 1930, falece durante o sono, por excesso de barbitúricos, não se sabe ao certo se por acidente ou suicídio. Consta que Florbela, por ter-se apaixonado por Luiz Maria Cabral, médico e pianista, já teria tentado o suicídio



anteriormente, em agosto de 1928, usando soporíferos.

## 2. Florbela: a poetisa

Totalmente ignorada em vida, Florbela foi resgatada do esquecimento, anos depois, por alguns críticos, dentre eles Jorge de Sena (1947, *Florbela Espanca ou a Expressão do Feminino na Poesia Portuguesa*) e José Régio (1950, estudo crítico - prefácio dos *Sonetos Completos*) que lamentaram, em textos densos, o silêncio da crítica em relação às primeiras manifestações da autora. José Régio confessa que, se tivesse conhecido mais cedo a obra de Florbela, com certeza teria percebido que sua poesia é flagrante exemplo do que os presencistas denominavam poesia viva, propósito sustentado pela revista "Presença" em seu primeiro número: "Literatura Viva". De fato é de estranhar não terem eles se dado conta do valor dessa escritora que, hoje, é considerada uma das maiores figuras da poesia feminina portuguesa, comparada a Sórora Mariana Alcoforado, outra alentejana, pelas sinceras confissões de mulher que desnuda sua alma apaixonada.

A escrita de Florbela tem o ritmo de sua pulsação e o corpo de sua poesia confunde-se com seu próprio corpo, aí está sua originalidade: expressar, com extrema sensibilidade, estados d'alma contraditórios, nascidos de seu drama humano. Os estudiosos de sua obra falam em "caso humano", "conflito interior", "dualismo físico-psíquico", "um verdadeiro diário íntimo", não importa a denominação, o importante é que todos afirmam que sua poesia é o extravasamento de uma angustiante experiência sentimental. Bendita intuição criadora capaz de transformar um inferno interior em poesia, pois, na verdade, sua superioridade está em saber trabalhar a palavra, através de imagens inusitadas, jogos de palavras, reiterações (de sons, de estruturas verbais), sem contar tantos outros recursos, como a profusão de sinais subjetivos de pontuação (ponto de exclamação, reticências, exclamação e interrogação, próprios do Simbolismo tardio) e variedade de vocábulos cuja letra inicial maiúscula mostra a sede de Absoluto, usados com criatividade, a fim de dar sinceridade artística aos poemas.

*Sonetos* (1982)<sup>1</sup>, obra que reúne os quatro livros de sonetos da poetisa (*Livro de Mágoas, Sórora Saudade, Charneca em Flor e Reliquiae*), revela suas vivências e sentimentos contraditórios: exaltação, desencanto, dispersão,

---

1 Todos os sonetos citados foram retirados de ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. São Paulo: DIFEL, 1982.



sensualidade, egolatria, vaidade exacerbada, humildade, insatisfação, ânsia de absoluto e outros mais.

A angustiante experiência sentimental dessa mulher superior revela-se numa poesia-confissão, que se inicia sob a indisfarçável inspiração de Antônio Nobre. Nos volumes *Juvenília* e *Livro de Mágoas* (1919), em que se destacam o narcisismo e o culto literário da Saudade e da Dor, o nome do poeta romântico é repetidamente invocado: “Poeta da Saudade, ó meu poeta q’rido, “ó Anto! Eu adoro os teus estranhos versos”, “os males d’Anto toda a gente os sabe!/ Os meus... ninguém... A minha Dor não cabe/ Nos cem milhões de versos que eu fizera!...”.

Nessas primeiras produções, Florbela parece estar em busca de um caminho próprio, que em breve será encontrado. No *Livro de Sóror Saudade*, já se percebe uma dicção própria, que chega ao ápice com *Charneca em Flor* e *Reliquiae*, nos quais os sonetos alcançam uma rara pureza expressiva e extraordinária força de comunicação.

Amor e Dor, ambos com letra maiúscula, percorrem toda a obra de Florbela. O amor, em suas diversas formas, principalmente a sensual, é a força que impele essa alma vibrante. Encontra-se, em seus sonetos, uma variedade de estados emocionais derivados do amor, desde a exaltação dos sentidos até os sentimentos mais puros e elevados. A busca constante do amor e a incapacidade de encontrá-lo levam o eu lírico à dor, à depressão e à angústia, mas também ao narcisismo, à dispersão e à fome de Absoluto.

Marcados por um erotismo impetuoso, seus versos desvelam, sem qualquer espécie de preconceito ou falso pudor, as mais íntimas emoções da alma feminina, exemplo disso é o soneto “Volúpia” ( p. 143):

No divino impudor da mocidade,  
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,  
Num frêmito vibrante de ansiedade,  
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...  
— Meu corpo! Trago nele um vinho forte:  
Meus beijos de volúpia e de maldade!



Trago dalias vermelhas no regaço...  
São os dedos do sol quando te abraço,  
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos  
Vão-te envolvendo em círculos dantescos  
Felinamente em voluptuosas danças...

O eu lírico oferece seu corpo, num frenesi de sentidos: impressões visuais, táteis e gustativas unem-se nesse ofertório em que o corpo transforma-se em vinho, sombra e nuvem. A explosão de desejo, pulsão de vida, é capaz de mudar o destino (“*Neste êxtase pagão que vence a sorte*”) e de prolongar o tempo, retardando a hora final, enquanto os beijos de volúpia e de maldade, os círculos dantescos, os gestos felinos e as unhas cravadas no peito do amante sugerem uma certa perversidade, por seu caráter de transgressão.

Essa pulsão vital apresenta, ao longo de sua obra, múltiplas faces; embora predomine o erotismo dos corpos, também podem ser encontrados o erotismo do coração e o sagrado, como comprova a singeleza dos trechos a seguir: “*A noite sobre nós se debruçou.../ Minha alma ajoelha, põe as mãos e ora!/ O luar pelas colinas, nesta hora/ É água dum gomil que se entornou...*” ou “*Amor! Anda o luar, todo bondade,/ Beijando a Terra, a desfazer-se em luz.../ Amor, são os pés bancos de Jesus/ Que anda pisando as ruas da cidade*” ou “*Amo as pedras, os astros e o luar/ Que beija as ervas do atalho escuro,/ Amo as águas de anil e o doce olhar/ dos animais, divinamente puro*”.

Florabela sabe-se superior, por sua sensibilidade e inteligência, seus versos de orgulho manifestam esta superioridade de mulher que nasceu artista:

O mundo quer-me mal porque ninguém  
Tem asas como eu tenho! Porque Deus  
Me fez nascer Princesa entre plebeus  
Numa torre de orgulho e de desdém.  
(...)  
Porque o meu Reino fica para além...  
Porque trago no olhar os vastos céus



E os oiros e clarões são todos meus!  
Porque eu sou Eu e Eu sou alguém!  
(Versos de Orgulhos –Charneca em Flor, 1930)

Assim ela vinga-se daqueles que a condenam, por suas atitudes e idéias, e querem calar sua voz feminina. Florbela manteve sempre um grande desdém e desprezo à hipocrisia social, às maledicências e às discriminações sexuais que limitavam o espaço da mulher.

Inúmeras passagens de sua obra revelam uma inclinação para o narcisismo e para um certo donjuanismo, como se a mulher quisesse atrair o amado exibindo sua beleza e valorizando-se aos olhos dele, como ocorre no soneto “Passeio ao Campo” ( p.121):

Meu Amor! Meu Amante! Meu Amigo!  
Colhe a hora que passa, hora divina,  
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!  
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...  
Pele doirada de alabastro antigo...  
Frágeis mãos de madona florentina...  
— Vamos correr e rir por entre o trigo!

Há rendas de gramíneos pelos montes...  
Papoilas rubras nos trigais maduros...  
Água azulada a cintilar nas fontes...

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras  
Dos caminhos selvagens e escuros,  
Num astro só as nossas duas sombras...

O poema inicia-se com uma invocação ao amado, seguida do apelo amoroso. Há, no primeiro quarteto, uma preocupação em aproveitar o presente. A mulher compraz-se em indicar suas qualidades, que são as mesmas tantas vezes nomeadas por Florbela: cintura fina, pele de alabastro, mãos delicadas. Nos tercetos, uma aura de panteísmo trans-



borda do soneto e derrama-se sobre a terra.

Mãos, boca, olhos e braços, signos desencadeadores do processo amoroso e sensual, são os preferidos de Florbela:

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor,  
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,  
Fala da minha boca a palpitar,  
Gesto das minhas mãos tontas de amor.

(Escrava, p.189)

Viver!... Beber o vento e o sol!... Erguer  
Ao céu os corações a palpitar!  
Deus fez os nossos braços pra prender,  
E a boca fez-se sangue pra beijar!

(Exaltação, p. 108)

Segundo José Régio, as mãos e os olhos, partes do corpo que parecem mais agradar à poetisa, são também as que ela mais canta no amado, como se nele se espelhasse e procurasse a si mesma. Desse modo, em vários de seus sonetos de amor, ela é que seria o verdadeiro motivo e o amado apenas um pretexto: *"Teus olhos borboletas de oiro, ardentes/ Borboletas de sol, de asas magoadas/ Poisam nos meus, suaves e cansados,/ Como em dois lírios roxos e dolentes..."* ("Crepúsculo", p. 97) ou *"Olhos do meu Amor! Infantes loiros/ Que trazem os meus presos, endoidados!"* ("Teus olhos", p. 159).

Mas quem sabe a egolatria, o orgulho desmedido não foram produtos de um exacerbado clima de sonho e fantasia, plasmado pelas leituras da adolescente? Sabe-se que Florbela fascinava a juventude de Évora "... distinguia-se, sobretudo, pelo ar moreno de cigana, de olhos garços, pestanudos e rasgados, escuros como o cabelo, braços magníficos, mãos afiladas e magritas", mas, segundo os biógrafos, eram as leituras que a seduziam, nacionais e estrangeiras. Concentrada no mundo literário que criara para si, talvez Florbela não estivesse preparada para a pequenez circundante.

A ilusão de uma plenitude, reiteradamente buscada, vai-se desvanecendo e deixando em seu lugar a frustração do desencontro:

*"Em toda nossa vida anda a quimera/ tecendo em frágeis dedos frágeis*



rendas... / — Nunca se encontra Aquele que se espera!...”

As constantes decepções amorosas e as conseqüentes recaídas resultam na consciência da impossibilidade de um amor duradouro (“Amar-te a vida inteira eu não podia/ A gente esquece sempre o bem de um dia./ Que queres, meu Amor, se é isto a vida!...”), na insaciabilidade (“Dize que mão é esta que me arrasta?/ Nódoa de sangue que palpita e alastra.../ Dize de que é que eu tenho sede e fome?!”), na negação do amor humano e no desejo de absoluto: “O amor dum homem? — Terra tão pisada,/ Gota de chuva ao vento baloiçada.../ Um homem? — Quando eu sonho o amor de um Deus!...”

Mesmo um Deus não resolveria o conflito, pois a insatisfação persistiria, o que Florbela anseia é o absoluto, o infinito, tantas vezes sugerido em seus versos: “Mais alto, sim! Mais alto! A Intangível/ Turris Ebúrnea erguida nos espaços,/ À rutilante luz dum impossível!”

Essa ânsia de querer mais e mais a leva à sensação de ser vária, de já ter vivido outras vidas, em outros mundos, de ter sido personagem de lendas ou figura imortalizada por poetas e romancistas:

Parece-me que foi noutras esferas,  
Parece-me que foi numa outra vida...  
(p.42)

Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral!  
E fui, talvez, um verso de Nerval,  
Ou um cínico riso de Chamfort...  
(p.83)

Ficaram meus palácios moiros,  
Meus carros de combate destroçados,  
Os meus diamantes, todos os meus oiros  
Que eu trouxe d'Além-Mundos ignorados!  
(p. 159)

Florbela julga-se uma forasteira no mundo em que vive e sofre por ter-se desligado do lugar de origem, onde ela podia dissolver-se em tudo, numa espécie de indistinção primordial: “Sou chama e neve branca e misteriosa”, “E a noite sou eu própria! A noite escura!!”

Maria Lúcia Dal Farra afirma que a dor sentida por Florbela é cósmica e supõe que provém do desligamento da mãe primordial, por



isso, em seus poemas, o nascimento é muito doloroso, como se vê no seguinte trecho do soneto "Deixai entrar a Morte" (p. 201): "Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?/ Entre agonias e em dores tamanhas/ Pra que foi, dize lá, que me trouxeste".

O conflito e a angústia, provenientes do acúmulo de tensão gerado pela luta entre contrários, Eros e Thanatos, são tamanhos que a possibilidade de paz só pode ser encontrada na morte: "Dona Morte dos dedos de veludo,/ Fecha-me os olhos que já viram tudo!/ Prende-me as asas que voaram tanto!"

### Notas Bibliográficas

- DAL FARRA, Maria Lúcia: "Estudo introdutório". In: *Florabela Espanca: afinado desconcerto* (contos, cartas, diário). São Paulo: Iluminuras, 2002.
- ESPANCA, Florbela. *Sonetos*. São Paulo: DIFEL, 1982.
- RÉGIO, José. "Estudo crítico". In: *Sonetos*. São Paulo: DIFEL, 1982;
- BATAILLE, George. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.